

***PATHOS* COMO ASCESE MÍSTICA NA POESIA LÍRICA GREGA E ROMANA**

Tatiane Luddegards dos Santos Magalhães (UERJ)

RESUMO: A paixão (*pathos*) é representada ferozmente na poesia de Safo, na Grécia e Catulo, em Roma. Poetas que foram forte influência na formação e desenvolvimento da poesia lírica. Os dois transbordam em seus versos sensibilidade, angústia, pesar e prazer, todos como consequência da paixão que embriaga e eleva o espírito de seu portador. Levando em conta o efeito que a representação das emoções provoca na lírica dos poetas em questão, o presente artigo visa analisar a paixão como ascese mística na obra de Safo e Catulo, como um meio para se purificar a alma e realizar a comunhão com o divinal. Considerando as nuances e efeitos que *pathos* e sua manifestação na linguagem provocava na literatura e vida dos poetas.

PALAVRAS-CHAVE: Pathos; Mística; Safo; Catulo; Poesia.

***PATHOS* AS MYSTIC ASCESIS IN GREEK AND ROMAN LYRIC POETRY**

ABSTRACT: Passion (*pathos*) is fiercely represented in the poetry of Sappho in Greece and Catullus in Rome. Poets who were a strong influence on the formation and development of lyric poetry. The two overflow in their verses sensitivity, anguish, regret and pleasure, all as a result of the passion that intoxicates and elevates the spirit of its bearer. Taking into account the effect that the representation of emotions provokes in the lyric of the poets in question, this article aims to analyze passion as mystical asceticism in the work of Sappho and Catullus, as a means to purify the soul and achieve communion with the divine. Considering the nuances and effects, that *pathos* and its manifestation in language provoked in literature and in the lives of poets.

KEYWORDS: Pathos; Mystic; Sappho; Catullus; Poetry.

Introdução

É possível observar na história literária das civilizações antigas, que a Grécia conheceu a poesia lírica muito antes de Roma, e louvou os deuses e a natureza em seus cânticos. A novidade

dessa poesia era a exposição do eu lírico, aquele que escrevia, agora, fazia questão de expor em seus versos seus sentimentos, seus amores, suas dores, não mais só os deuses e suas manifestações eram a fonte inspiradora. Esse eu era cantado através da paixão, que provém do

pathos grego, que significa sofrimento, é do mesmo radical da *passio* latina, de onde se originou passivo, passividade — indicando algo que se sofre. E se é verdade que *pathos* designa qualquer emoção da alma (cólera, inveja, ciúme, alegria, amizade, ódio, remorso, piedade etc.), é verdade que o conceito se afinou, e paixão, historicamente, passa a designar paixão amorosa, algo que sobrevém que irrompe, como uma doença. (Patologia é doença; e paciente é o indivíduo que é tratado por um médico). *Pathos, assim, é o que se experimenta, por oposição ao que se faz, isto é, tudo o que afeta o corpo ou a alma, no bem e no mal. Com efeito, evidencia-se uma ligação entre afeto e afetado.* (MENESES, 2002, p. 42, grifo meu)

Os amores vividos e sofridos enchiam os versos de prazer e dor, a poesia ficou mais intimista e individualista, expunha de forma mais sólida a realidade, mas sem diminuir a presença do divino e da natureza nos versos. Os deuses ainda controlam tudo e são os principais responsáveis por essa explosão de sentimentos provocada pela paixão, que anula os sentidos daquele que a sente, e a natureza ainda é a confidente que testemunha esse amor, concretizado ou não. Como observa Hansen (2013, p. 31) “o poeta imita a natureza de topoi ou lugares comuns de modo concentrado e universal”.

Na Grécia quem vai cantar divinamente esse amor é Safo, que faz de seus poemas páginas de sua biografia, e é por meio deles que séculos depois, após a forte censura da idade média, conhecemos um pouco dessa poetisa que revolucionou a forma de se fazer e, por que não, sentir a poesia. Seguindo seus passos, em Roma, muitos anos depois, em um momento que os romanos viviam inúmeras transformações, no século I d.C. temos na poesia de Catulo a paixão apresentada em versos que cantam o seu amor inebriante por Lésbia, relatos íntimos e em alguns momentos obscenos marcam sua poesia que foi notavelmente influenciada por Safo, provavelmente até na hora da escolha de um pseudônimo para sua amada Clódia, como observa Paratore (1983, p. 324): “Catulo, que sentia o amor com o mesmo abandono total de Safo, quis transformar o nome da sua amada numa forma que fizesse recordar a poetisa de Lesbos e, ao mesmo tempo, a proverbial beleza das mulheres lésbias”. Em Safo e Catulo a poesia é uma experiência mística,

uma forma de desnudar a alma, para assim vivenciar o divino, nos seus versos é a paixão a grande responsável pela experiência suprassensível.

O termo *mística*, como substantivo, deriva do adjetivo *mistikós*, oriundo do verbo *múein* que quer dizer: fechar os olhos e a boca. Olhos fechados para enxergar somente o segredo, e a boca para não revelá-lo, a não ser no momento ou à pessoa certa. Deste verbo grego *múein* deriva o substantivo *mistério*, que designa, no sentido helenístico: o rito secreto de iniciação, o rito espiritual que visa a comunhão da alma com a divindade. Em sentido amplo, podemos considerar a *mística* como a irrupção do absoluto dentro da vida humana.

Se a *mística* compreende o ato de desligar-se das perturbações corpóreas, abandonado a matéria ao exercitar seus impulsos (sejam eles de qualquer natureza) buscando purificar a alma, podemos concluir que a *mística* exige um determinado apresto, uma ascese, ou seja, um exercício próprio de preparação para ela, que gerará uma atração entre o mundano e o espiritual, uma purificação que permitirá a contemplação do divino. Nos versos de Safo e Catulo a paixão (*pathos*) é a porta de entrada para o sagrado, aquilo que é desenvolvido por intermédio de seus impulsos eróticos, a ascese *mística*.

O grego pré-platônico via no amor erótico um caminho para o contato direto com os deuses, a paixão era o exercício a ser praticado a fim de estabelecer uma comunhão com o sagrado, era através dela que os sentidos eram anulados e as afecções provocadas por ela, apesar de causarem dano, possibilitavam o contato com o divino:

No mundo grego, antes de Platão, tal nósos não era considerada ruim nem abjeta. Ela era um problema, sim, ela incomodava, mas os desejos do corpo não eram moralmente condenados, em bloco, de maneira inapelável. O grego pré-platônico não via o mundo através de uma perspectiva dualista que opõe, por um lado, um mundo sensível, que é inferior e mau, e, por outro lado, um mundo do espírito e do intelecto, que é superior e bom. Podemos afirmar, de modo muito simples, que na cultura grega pré-platônica o mundo sensível também é sagrado (isso é, pertence à ordem do divino, no mesmo plano em que está aquilo que consideramos hoje espiritual ou intelectual); podemos afirmar que o desejo sexual é sagrado. Afrodite é a deusa que representa este aspecto divino da condição humana: o sexo. (OLIVEIRA, 2011, p. 57)

Apesar de a paixão na época, dos poetas em questão, ser entendida como algo que deveria ser contido, pois embebedava e tomava do indivíduo a racionalidade, já que compreende um

exagero que causa um desequilíbrio naquele que a sente, em sua poesia é a responsável pela revelação, pela experiência da presença da divindade. Assim, neste artigo buscamos demonstrar como a poesia lírica de Safo e Catulo aproxima-se de uma experiência mística, uma elevação do espírito por intermédio da paixão que provoca em quem a sente um estado de êxtase tão profundo que é capaz de purificar a alma.

Mística na poesia de Safo e Catulo

Devemos partir do início, do lugar que toda essa paixão teve origem, nada mais justo do que dizer que *pathos* na poesia lírica, se não tem seu começo em Safo tem pelo menos uma nova e mais intensa representação. Nascida em Ereso por volta do ano de 612 a.C., a poetisa da ilha grega de Lesbos, que se não amou profundamente, com certeza teve paixões que arrebataram todos os seus sentidos e muitas vezes a deixaram perto de uma experiência de quase morte, podendo tê-la levado a saltar para morte, literalmente:

E conta a lenda que Safo se tomou de loucos amores por Faón, o barqueiro formoso, que não a compreendeu e a abandonou. Num dia em que Safo se encontrava sobre o promontório de Leocades, do alto da penedia, em frente ao mar agitado, viu aproximar-se um barco e divisou Faón. Fez-lhe adeuses e sinais desesperados para que se aproximasse. Mas o barco, e nele Faón, passou indiferente. Num arrebatamento de amor mal ferido, atirou-se ao mar, menos agitado do que sua alma. (HADDAD, 1942, p. 15-16)

Sofria quando amava e quando não amava também. Seus poemas revelam sintomas agudos de paixão, a qual a desestabiliza, mas também completa. Não podemos ignorar que muitos outros, antes da poetisa de Lesbos, cantaram o amor na sua natureza mais pura e bela, porém Safo canta a paixão, esse sentimento ardente, volúvel, muitas vezes inconsciente, que cega e faz sofrer, e que na época da poetisa deveria ser afastado, pois no entendimento dos gregos e romanos deixava o portador da “doença” louco, irracional. Essa embriaguez de amor deveria ser evitada, mas na poesia de Safo ela surge como elemento responsável pelo seu encontro com a divindade. A paixão, presente em sua obra, é o caminho para a mística.

Em grande parte dos poemas de Safo, apesar da revelação de seus sentimentos ser direta, o causador de sua paixão é por vezes desconhecido, o objeto de desejo é então descrito através dos sentimentos que arrebatam a poetisa de tal maneira que seus sentidos são anulados, exclui-se a razão superando-a num movimento de quase morte, ou seja, a paixão transmuta a natureza que lhe é própria, fazendo-a agir à revelia de suas tendências pessoais, e nesse momento transforma-se no meio que conduz ao divino:

φανετα μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
ἔμμεν' ὄνηρ, ὅττις ἐναντιός τοι
ἰσθάνει καὶ πλάσιον ἄδυ φωνε -
/σας ὑπακούει

καὶ γελασας ἰμέροεν, τό μ' ἦ μὰν
καρδ' ἀν' ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·
ὥς γὰρ ἔς σ' ἴδω βρόχε', ὥς με φώναισ'
οὐδ' ἐν ἔτ' εἴκει,

ἀλλὰ καὶ μὲν γλῶσσά μ' > ἔαγε, λέπτον
δ' αὐτίκα χρῶ πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,
ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημι', ἐπιρρόμβεισι
δ' ἄκουαι,

καὶ δέ μ' ἴδρωσ κακχέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας
ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω 'πιδεύης
φαίνομ' ἔμ' αὐτ[α].

ἀλλὰ πὰν τόλματον, ἐπεὶ ἴκαὶ πένηταῖ. (CAMPBELL, David, 1990, p. 78)

*Parece-me ser igual dos deuses
aquele homem que, à tua frente
sentado, tua voz deliciosa, de perto,
escuta, inclinando o rosto,*

*e teu riso luminoso que acorda desejos – ah! eu juro,
o coração no peito estremece de pavor,
no instante em que te vejo: dizer não posso mais
uma só palavra;*

*a língua se dilacera;
escorre-me sob a pele uma chama furtiva;
os olhos não vêem, os ouvidos zumbem;*

*um frio suor me recobre, um frêmito do corpo
se apodera, mais verde do que as ervas eu fico;
que estou a um passo da morte,
parece*

*Mas...*¹

No poema em questão poucos detalhes descrevem esse ser que ela louva. Temos basicamente sua voz e riso (esse, por sinal, atributo de Afrodite) e esses são suficientes para desnudar a alma do “eu”, a conturbação está marcada no corpo, que sofre a perda dos sentidos, já não pode mais ver “*os olhos não veem*”, não pode mais ouvir “*os ouvidos zumbem*” e nem sequer falar “*a língua se dilacera*”, sem esses sentidos a consciência está fora de si mesma, ela vive o fenômeno da revelação divina no êxtase, na experiência de quase morte da matéria. Para Pietro Ubaldi (1993, p. 52) “O êxtase é a última fase do fenômeno místico, o coroamento da ascese, o vértice atingido, não racionalmente, [...] mas sensitivamente. Aqui não se trata de entender o fenômeno, porém, muito mais do que isso, tratasse de vivê-lo”.

O poema é a própria representação da paixão como ascese mística na obra de Safo. Em poucos versos ela descreve o sofrimento de quem carrega a paixão, esse sentimento de querer para si, o desejo, a saudade, querer unificar-se com o que está fora, entrar em estado de graça, de plenitude, superar a dor na tentativa de libertar o espírito, como num rito religioso, entrar em harmonia com o universo, com deus. Essa tempestade que invade seu corpo, que causa dor, atrai o sofrimento, mas que não pode ser negada ou evitada. É a paixão na sua forma mais pura. Longino (2015, p. 55) questiona:

Não é espantoso como convoca ao mesmo tempo a alma e o corpo, os ouvidos e a língua, os olhos e a pele, como se todas estas partes lhe fossem estranhas e estivessem perdidas? E como, em movimentos contrários, sente frio e calor ao mesmo tempo, sai da razão e mostra sensatez – pois ora tem medo ora está perto de morrer – de tal forma que nela se manifesta não apenas uma emoção mas o encontro de várias emoções?!

Safo teve uma vida conturbada foi exilada duas vezes, acusada de ter participado de uma conspiração contra Pítaco, ditador de Lesbos na época. Casou-se com Cercolas e teve uma filha, Cleis. Ainda muito nova ficou viúva e muito rica. Quando retorna a Lesbos funda uma escola para moças onde ensinava dança, música e poesia. Nessa época inúmeros boatos sobre o que realmente acontecia na escola, principalmente a respeito do relacionamento entre Safo e suas

¹ Tradução de Joaquim Brasil Fontes, 2003, p. 21

alunas, surgiram e devido a eles muitas jovens saíram da escola, e uma dessas alunas Átis, foi sem dúvida a preferida da poetisa e serviu de inspiração em alguns dos seus poemas:

A Átis

Não minto: eu me queria morta.

Deixava-me, desfeita em lágrimas:

"Mas, ah, que triste a nossa sina!

Eu vou contra a vontade, juro,

Safo". "Seja feliz", eu disse,

"E lembre-se de quanto a quero.

Ou já esqueceu? Pois vou lembrar-lhe

Os nossos momentos de amor.

Quantas grinaldas, no seu colo,

— Rosas, violetas, açafreão —

Trançamos juntas! Multiflores

Colares atei para o tenro

Pescoço de Átis; os perfumes

Nos cabelos, os óleos raros

Da sua pele em minha pele!

[...]

Cama macia, o amor nascia

De sua beleza, e eu matava

A sua sede" [...]

Cai a lua, caem as plêiades e

É meia-noite, o tempo passa e

Eu só, aqui deitada, desejante.

— Adolescência, adolescência,

Você se vai, aonde vai?

— Não volto mais para você,

Para você volto mais não.

(A Átis - Tradução de Décio Pignatari)

É notável o tormento que envolve Safo, a dor de ver alguém que se ama ir embora. Mas antes dessa inevitável partida, o poema aborda lembranças de momentos bons vividos com Átis que justificam o sofrimento da perda. Ela está perdendo a amante, a amiga, a sua inspiração. É curioso como Safo consegue trabalhar o presente, passado e o futuro num único poema, de forma tão coesa e limpa. Primeiro temos o presente: Átis está partindo, essa dor a faz preferir morrer a ter que senti-la. Um diálogo rápido nos leva para dentro desse relacionamento, e traz à tona o passado: momentos que experienciaram, os amores que viveram e os sentidos que perderam juntas. Por fim temos o futuro: com Safo solitária desejando um passado que não voltará mais, e

ainda sofrendo e delirando por essa paixão insaciável, que é a destruição metafórica do seu próprio ser.

Esse desejo que é arrasador quando se concretiza e quando não se concretiza, caminha de mãos dadas com a morte. Em alguns de seus poemas Safo ou deseja a morte “*Não minto: eu me queria morta*”², ou a experimenta “*que estou a um passo da morte, parece...*”. Isso porque a morte permitiria a unificação do “eu” com o divino, também permitiria uma evolução do espírito, já que a cada experiência de morte a alma evoluiria através da superação da dor. Em diversos fragmentos Safo aborda esse morrer como algo inevitável, cada vez que perde os sentidos ela morre, ao ver seu amor parti ela morre também.

São momentos simbólicos que refletem a união com o divino, afinal a paixão é provocada pelos deuses. Afrodite é responsável pela beleza que desperta as paixões e Eros aquele que marca com sua flecha o objeto do desejo, dessa loucura que resulta na necessidade de unir-se ao amado, como a um deus, pelo êxtase. Esvaziando-se de todos os conteúdos inteligíveis, entregando-se ao mistério. Como observa Ubaldi (1993, p. 45): “O místico exclui a razão. Não a mata, supera-a; não a perde, transmuda-a”.

*De flóreo manto furta-cor,
ó imortal Afrodite,
filha de Zeus, tecelã de ardis, suplico-te:
não me domes com angústias e náuseas,
veneranda, o coração,
mas para cá vem,
se já outrora – a minha voz ouvindo de longe –
me atendeste,
e de teu pai deixando a casa áurea a carruagem
atrelando vieste.
E belos te conduziram
velozes pardais em torno da terra negra –
rápidas asas turbilhoando céu abaixo
e pelo meio do éter.
De pronto chegaram.
E tu, ó venturosa,
sorrindo em tua imortal face,
indagaste por que de novo sofro e por que
de novo te invoco,
e o que mais quero que me aconteça em meu
desvairado coração:*

² Poema A *Átis*. Tradução de Décio Pignatari (1996).

*“Quem de novo devo persuadir ao teu amor?
Quem, ó Safo, te maltrata?
Pois se ela foge, logo perseguirá;
e se presentes não aceita, em troca os dará;
e se não ama, logo amará,
mesmo que não queira.”
Vem até mim também agora,
e liberta-me dos duros pesares,
e tudo o que cumprir meu coração deseja,
cumpre; e tu mesma,
sê minha aliada de lutas.³*

No seu hino à Afrodite Safo invoca a deusa clamando por respostas para seu sofrimento. Todo o poema é um hino invocatório, e nesse diálogo com Afrodite, a poetisa fala de sua aflição, da dúvida de que amaria novamente, e a deusa a responde “*Quem de novo devo persuadir ao teu amor?*”, e nesse verso temos Afrodite abordando a paixão como um feitiço que ela joga naquele que Safo deseja. É através da paixão que Safo experimenta a espiritualidade, que pratica a purificação da alma e o abandono da matéria. É ela que orienta sua comunhão com a deusa, e é místico porque purifica o “eu” enquanto esse aprende a despir-se da matéria e toma consciência da presença divina.

Afrodite é sua confidente, aliada nesse processo de evolução e purificação, é preciso comungar com a deusa, e isso só é possível através da paixão que Safo necessita sentir para continuar vivendo, sem ela o sentimento é de incompletude, um vazio que somente é preenchido pela presença de Afrodite (que é a própria paixão) em sua vida, ou seja, Afrodite é a guardiã do mistério, que só é revelado na experiência da paixão, que cega, ensurdece e emudece. Em Safo a experiência se realiza em seus versos, os quais desvelam o mistério na contemplação da paixão, esse algo irracional, provocado pelos deuses e alimentado pelos homens, que incompletos vivem em busca da completitude por meio da comunhão divina que alimenta e perpetua o sentimento.

Diferente de Safo, que cantou inúmeras paixões na Grécia antiga, Catulo, em Roma, teve Lésbia como sua inspiração romântica. Uma paixão devastadora por Clódia, nome verdadeiro de Lésbia, uma mulher mais velha e casada que dominou os sentimentos do jovem poeta, que só fazia louvar sua amada:

³Hino de Safo a Afrodite. Tradução de Giuliana Ragusa 2005, s/p.

*Vamos viver, minha Lésbia, e amar,
e aos rumores dos velhos mais severos,
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis
podem morrer ou renascer, mas nós
quando breve morrer a nossa luz,
perpétua noite dormiremos, só.
Dá mil beijos, depois outros cem, dá
muitos mil, depois outros sem fim, dá
mais mil ainda e enfim mais cem – então
quando beijos beijarmos (aos milhares!)
vamos perder a conta, confundir,
p'ra que infeliz nenhum possa invejar,
se de tantos souber, tão longos beijos.
(CATULO - Poema V)*

O poeta vivia um amor proibido, e pelo poema notamos que Catulo ignora todos os olhares de reprovação, pois ele quer viver essa paixão, ele quer revelá-la para o mundo, e se não for possível fazer isso em vida, que seja possível na morte, onde ninguém os invejará ou perturbará. Assim como Safo, Catulo vê na morte uma possibilidade para a concretização do amor, da comunhão com o divino. Ubaldi (1993, p. 48) defende que “a morte torna-se vida e a vida se converte num processo da negação no humano e de afirmação no divino”

Temos somente a visão de Catulo do relacionamento, ele aconselha Lésbia a viver e aproveitar esse amor, talvez essa preferiu agir com cautela já que casada tinha mais a perder ou até mesmo por ser um espírito livre via a paixão do jovem por ela com indiferença, o certo é que o jovem Catulo, nos versos do poema V, deixa claro sua euforia por estar apaixonado.

Caio Valério Catulo era natural de Verona e viveu no século I a.C. Era de uma família influente e por anos passou temporadas em Roma, até se estabelecer definitivamente na cidade no início da vida adulta. Fez parte de um grupo de poetas que queria romper com o passado literário romano. Seus poemas vão abordar temas de sua vida cotidiana, principalmente amorosa. Ele viveu inúmeras aventuras até conhecer a mulher que o faria amar e odiar com a mesma intensidade:

*Odeio e amo. Perguntarás como isso possa ser.
Não sei, mas sinto-o, e é um tormento.
é como um vazio devorador
um simples toque de luz encantador
não vejo nada*

*de tanto
iluminar, abdicar, dar, amar, ofuscar o sublime
com a sua própria face – só a luz.
[Há noites em que as estrelas mudam
Sorratamente de lugar, fazendo desvios
rápidos. Escrevem no céu traços de luz que
só devem ser vistos por uma pessoa
de cada vez.]
Calor que aleija ao andar na ilusão
A luz que ainda não me deixa ver!
é preciso fechar os olhos para criar a pálida alma só
no deserto, caminhando entretida a contar os grãos de areia
impedindo a noite de se fazer negra e fria.
(CATULO - Poema LXXXV)*

No poema temos o amor e ódio como reflexo dessa paixão, ele odeia e ama, e isso é na visão dele um tormento. Essa dualidade demonstra o exagero desse amor, que de tão intenso provoca ódio, causa sofrimento. E é algo sem explicação, talvez alimentado por outro sentimento, como o ciúme. O fato é que ele fica cego “*não vejo nada de tanto iluminar, abdicar, dar, amar, ofuscar o sublime, com a sua própria face*”, essa paixão é tão forte que rouba-lhe os sentidos.

O uso das palavras também é parte central na construção de sentido do poema, visto que isoladas em definição literal não têm o poder de provocar os sentimentos e sentidos, contudo, os termos quando combinados ilustram a experiência que o eu lírico tem ao vivenciar o desejo, a ânsia do encontro com o outro e o medo da perda. Para Bourdieu (2008, p. 25):

O paradoxo da comunicação é que ela supõe um meio comum, mas que só tem êxito ao suscitar e ressuscitar experiências singulares, isto é, socialmente marcadas; isso é evidente no caso limite em que se trata de transmitir emoções, como muitas vezes se dá na poesia. Produto da neutralização das relações práticas nas quais funciona, a palavra que serve para tudo encontrada no dicionário não tem nenhuma existência social: na prática, ela só existe imersa em situações, a ponto de o núcleo de sentido que se mantém relativamente invariável através da diversidade dos mercados poder passar despercebido.

Além disso, Catulo trabalha através da oposição dos signos, a fim de demonstrar que o amor que sente pela amada se faz também ódio, desprezo, e que sua relação com essa paixão o liberta na mesma medida que o aprisiona. Esse jogo com os significados, o trabalho com a antítese tem a função de intensificar a mensagem, despertar os sentidos, Saussure (1977, p.80)

defende que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. [...] tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato”.

Até nos momentos que a crise supera o amor dos dois, ele o faz com fervor. Ao desejar o negativo para amada ele acaba por revelar, ainda, um interesse por Lésbia, como ele é aquele que ama tanto que chega a odiar, pode-se interpretar todo esse repúdio como saudade e desejo pelo retorno da mulher que ama. E essa ideia fica claro em seu poema VIII, quando o poeta sofrendo pela separação, recebe um conselho:

*Pobre Catulo, deixe essa loucura
E o sofrimento teu todo de lado.
Considera perdido o que hoje está.
Por que antes o teu tempo não perdera
À procura de um corpo desejado.
Ela por teu amor a mais amada,
Somente desejava o que pedias
E se alegrava com o teu desejo.
Então, teus dias eram bem felizes!
Agora ela te esquece. Ó mulher!
Esquece-a, pois, também. Não te merece,
Se ela assim abandona quem a quer!
Dá-lhe também adeus, e essa mulher
Seja de ti a mais bem esquecida.
E que sempre infeliz, e sem amor,
Leve a vida que é dela merecida.
Não mais a procurar, não mais querê-la.
Ela então chorará, abandonada
Sem ninguém que a deseje em sua vida.
A quem irá amar? Ninguém a quer.
Agora sem alguém para enganar,
(A Catulo tentara algumas vezes),
A que boca e a quem irás beijar?
E que lábios molhados morderás?
Mas tu, Catulo, firme ficarás.*
(CATULO – Poema VIII)

Aqui, um Catulo cansado de ser enganado, recebe o conselho de esquecer a pessoa que tanto lhe faz mal, e a paixão que esse sente é vista como loucura, causadora da dor do poeta

“*deixe essa loucura. E o sofrimento teu todo de lado*”. Entendemos que ela o abandona, e isso causa no poeta um sofrimento, que é abrandado pelo conselho recebido de esquecê-la.

Contudo, ele não esquece aquela que era sua inspiração, e essa paixão desenfreada deixa sua vida desregrada, agitada e repleta de exageros, os quais levaram Catulo a uma morte prematura, aos trinta anos de idade.

Considerações finais

Seja nos versos de Safo ou de Catulo a paixão é apresentada como algo inerente na vida das pessoas e intransferível. Quando acontece ela anula todos os sentidos básicos e ascende as emoções mais primitivas do ser humano, como o medo, a raiva, a tristeza, a alegria, a aversão, o ciúme.

Não estamos aqui dizendo que a poesia de Safo e Catulo funciona como uma doutrina religiosa, mas sim que ela invoca efeitos semelhantes àqueles produzidos nos ritos religiosos, pelo menos aos que são esperados nos momentos de comunhão com o divino, ao aproximar-se da experiência religiosa. O que os poetas fizeram, na verdade, foi cantar a paixão em seus poemas, e a apresentar como algo inerente à vida das pessoas e intransferível. Quando acontece ela anula todos os sentidos básicos ao conjurar as emoções mais primitivas do ser humano, como o medo, a raiva, a tristeza, a alegria, a aversão, o ciúme, até que todos os sentidos sejam anulados e o espírito dominado pelo estado de êxtase, atinge a purificação.

Nos poemas que analisamos é possível identificar todas essas emoções, principalmente a dor da perda. Entendemos que quando o indivíduo se coloca na posição daquele que ama, ele assume o risco de perder a razão, de ser bombardeado por questionamentos que põe em pauta sua própria existência e até de provocar o desejo pela própria morte, numa atitude que poderia ser vista como fuga da realidade amarga ou como saída para se viver essa paixão em toda sua essência.

Para Safo e Catulo viver sem paixão não teria nenhum sentido. Não vivenciar essa sensação primitiva que faz o ser agir por instinto, que atiça a curiosidade, que desperta as belezas, que comunga com a natureza, seria o pior dos castigos. Mas esse sofrer de amor, é entendido como algo provocado pelos deuses e, sendo assim, foge o querer humano, é também passivo, como

vemos nos poemas estudados, eles não têm como se defender quando Eros os acerta com a “flecha do cupido” e Afrodite os inunda de erotismo. Eles, pacientes no ato, apenas contemplam, sentem e sofrem essa paixão, que até mesmo pode levar a loucura, porém sem ela suas vidas não teriam sentido, seriam vazias de significado e a superação da dor e domínio de si mesma não seriam possíveis:

O poeta se põe a caminho, mas só o místico chega. O poeta tenta e invoca, o místico realiza e ama. Assim, o místico é o poeta completo, íntegro, que alcançou toda a realidade de seu sonho. O êxtase é a síntese suprema de toda arte, porque o é de toda concepção e de toda beleza Assim, os místicos são poetas imensos, vertiginosos, maravilhosos. Não se ausentam da vida, mais nela estão mais intensamente presentes. O místico retorna as coisas, mas com visão divina, retorna as criaturas e torna a amá-las, porque nelas esta Deus e nelas reencontra Deus. (UBALDI, 1993, p. 52)

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CAMPBELL, David A. (Edição e tradução). *Greek Lyric I (Sappho-Alcaeus)*. Loeb Classical Library. London, Harvard University Press, 1990.
- CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução de João Angelo Oliva Neto. Brasília: Edusp, 1996.
- FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos*. SP: Iluminuras, 2003.
- HADDAD, Jamil Almansur. “Carta XV”. *As Líricas, de Safo*. Tradução, introdução e notas de Jamil Mansur Haddad. Edições Cultura, 1942.
- LONGINO. *Do Sublime*. Tradução de Filomena Hirata. Editora Martins Fontes: São Paulo, 1996.
- MENESES, Adélia Bezerra de. A paixão na literatura: do cântico dos cânticos e dos gregos à poesia contemporânea. *Revista Literatura e Sociedade*, n. 6. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25375/27119>. Acesso em: Jan.2023.
- OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. Amor erótico e castidade no Hipólito de Eurípides. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, v. VII, n. 1, jan/jun., 2011.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 323 -339, 1983.

PIGNATARI, Décio. *31 Poetas, 214 Poemas*. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RAGUSA, G. *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*. (Tradução do poema). Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

UBALDI, Pietro. *Ascese Mística*. Tradução de Rubens C. Romanelli; Clóvis Tavares; Jerônimo Monteiro. Editora Fundapu, 1993.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, v. 20, n. 33, Rio de Janeiro, jul./dez., p. 11-46, 2013.